

ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA: os sistemas de espaços livres em Erechim, RS, Brasil.

Nauíra Zanardo Zanin, Universidade Federal da Fronteira Sul, EMail: nauira@nauira.arq.br

Natália Biscaglia Pereira, Universidade Federal da Fronteira Sul, EMail: natibp@gmail.com

Janice de Freitas Pires, Universidade Federal de Pelotas, EMail: janiceposarq@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre a paisagem urbana da cidade de Erechim, RS, Brasil, por meio da análise tipo-morfológica e do levantamento de espaços livres intra-urbanos públicos e privados da cidade. O método adotado parte da análise na escala urbana, aproximando-se, em um segundo momento, da escala local, com a adoção de uma unidade de paisagem específica. Na escala urbana, mapearam-se os processos de constituição morfológica (suporte físico, vetores de ocupação, a evolução da mancha urbana e os planos, leis e agentes de transformação) e as unidades de paisagem. Na escala local, analisaram-se a hierarquia, a conectividade e a complementaridade dos sistemas de espaços livres e investigaram-se as formas e os tempos de apropriação dos espaços livres e questões relacionadas à adequação ambiental. Ao final, refletiu-se sobre as influências históricas e de formação urbana e a promoção de espaços livres.

Palavras-chave: paisagem urbana; espaços livres; Erechim.

ABSTRACT

This article presents a study on the urban landscape in the city of Erechim, RS, Brazil, by means of the morphological type analysis and the city's public and private intra-urban open spaces survey. The method applied begins with the analysis on urban scale, subsequently approaching the local scale and the adoption of a specific landscape unit. On the urban scale, the morphological constitution processes (physical support, occupation vectors, urban sprawl evolution and the plans, laws and transformation agents) as well as the landscape units were mapped. On the local scale, the hierarchy, connectivity and complementarity of the open space systems were analysed and the means and times of the open spaces appropriation along with the issues related to environment adequacy were investigated. Finally, the urban historical and developmental influences and the promotion of open spaces were reflected on.

Keywords: urban landscape; open spaces; Erechim.

1 INTRODUÇÃO

A paisagem é produto socioeconômico e cultural refletido sobre um suporte físico que se diferencia em função de variáveis econômicas e culturais, conforme a sociedade se relaciona com o território (Santos, 1997). Tal produto decorre de processos históricos, de intervenções e relações que gradativa e continuamente transformam a paisagem.

Os locais que primeiramente sofrem impactos das transformações do território são os sistemas de espaços livres – principalmente os que ocupam suportes frágeis do ponto de vista ambiental ou social (Tângari, 2013). Nesse contexto, torna-se importante compreender como as populações se relacionam com as mudanças na paisagem do ponto de vista das práticas sociais, de sua cultura, seus valores e símbolos agregados à paisagem e ao território.

Segundo Tângari (2005), a análise museográfica dos espaços livres, a partir da leitura temporal de suas relações com a cidade e com a arquitetura nela existente, opera como um registro importante das transformações culturais ocorridas no meio urbano e na sua paisagem.

Partindo da premissa de que os espaços livres refletem de maneira amplificada as consequências da aplicação de modelos de ocupação urbana e as transformações culturais ocorridas no meio urbano, neste artigo se apresenta uma análise da configuração tipo-morfológica da cidade de Erechim (RS) confrontando-a com os levantamentos dos espaços livres intra-urbanos públicos e privados, inseridos no perímetro do traçado original, e ao longo da avenida principal. Com esse estudo, pretende-se refletir sobre a articulação entre a formação da paisagem e o desenho urbano, a oferta e a apropriação dos espaços livres públicos e privados.

Para a análise tipo morfológica da paisagem e dos sistemas de espaços livres urbanos de Erechim, consideraram-se os processos de construção social do espaço e de transformação da paisagem, a partir do método apresentado por Tângari (2013; 2015), em uma abordagem multi-escalar. Esta abordagem parte da seleção de uma unidade de paisagem que se destaca em função dos processos de constituição morfológica mapeados na escala urbana.

1.1. Caracterização da cidade de Erechim

O município de Erechim, localizado no estado do Rio Grande do Sul, pertence à Mesorregião da Grande Fronteira do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul). Possui uma área de 430.668km², população de 96.087 habitantes e densidade demográfica de 223,11 hab/km², segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). A fundação do município tem origem na criação da Colônia Erechim (no dialeto Kaingang topônimo de “Campo Pequeno”), pelo presidente do Estado Carlos Barbosa Gonçalves, em 1908 (Neto, 1979:52). Esta colônia era composta por diversos núcleos que hoje constituem as cidades da região Norte do Estado do Rio Grande do Sul, localizada na microrregião Alto Uruguai, na qual se insere a cidade pesquisada, Erechim.

O município sofreu expansão do comércio com a implantação, em 1910, da linha ferroviária São Paulo-Rio Grande que foi estendida até os municípios de Marcelino Ramos e Erechim, o que favoreceu a importação e exportação de produtos agrícolas, dando condições para a colonização (Skowronski, 2008). A partir de então, a expansão da cidade caracterizou-se pela organização gradual de núcleos urbanos em torno das estações ferroviárias, que receberam imigrantes vindos da Europa e das velhas colônias do território gaúcho.

O município tem entre suas principais características o traçado urbano planejado, o qual foi proposto no ano de 1914, desenhado pelo Eng. Carlos Torres Gonçalves. Por este possuir uma malha xadrez regular, para que pudesse ser implantado, foi necessária a movimentação de terras, em função do relevo acidentado da cidade. Mesmo assim, várias ruas resultaram com grande declividade.

O traçado original e o núcleo de fundação, a partir da praça central, ainda hoje instituem referenciais como centro histórico e comercial. Já nas áreas periféricas, que crescem de maneira acelerada, verifica-se uma realidade bastante modificada em termos de: padrão de ocupação e tipos construtivos; larguras de vias; altura de edificações; conectividade e largura de lotes.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para o estudo da paisagem urbana de Erechim, as análises embasaram-se em observações, pesquisas publicadas, fotografias de satélite e com visuais de rua (Google, 2015) e mapas históricos, legislativos e fotogramétricos. A sequência de análise seguiu o roteiro de exercícios de análise tipo-morfológica da paisagem e do sistema de espaços livres urbanos, desenvolvido por meio de desenhos de mapas à mão livre, proposto por Tângari (2015), em uma disciplina integrante do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PósARQ/UFSC). Seguindo este método, realizaram-se mapeamentos, enfocando inicialmente a escala urbana e, com maior detalhe, a escala local da cidade de Erechim.

Na escala urbana, analisaram-se o suporte físico, vetores de ocupação, evolução da mancha urbana, os planos, leis e agentes de transformação e identificaram-se unidades de paisagem dentro do perímetro urbano, de acordo com delimitações naturais, artificiais, históricas e simbólicas, padrões de ocupação e características morfológicas, ambientais e funcionais (Tângari, 2015).

Para as análises na escala local, foi selecionada uma das unidades de paisagem identificadas na etapa anterior com o objetivo de estudar os seguintes elementos: a hierarquia, conectividade e complementariedade dos sistemas de espaços livres públicos e privados; as formas e tempos de apropriação; e a adequação ambiental.

Entre as sete unidades de paisagem identificadas preliminarmente na cidade de Erechim, optou-se por focar a área central da cidade, correspondendo à subunidade de paisagem *Centro Histórico*, inserida no perímetro urbano consolidado, por apresentar uma maior diversidade tipológica e ritmo acelerado de transformações culturais e morfológicas.

Conforme proposto em Tângari (2015), as análises são realizadas por meio de observações *in loco* da área em questão e sobre dados publicados, o que leva a considerar-se que tais análises se configuram como uma aproximação da realidade. Como base referencial, utilizaram-se essencialmente pesquisas acadêmicas desenvolvidas em nível de mestrado ou doutorado, tais como os apresentados em Aver (2008), Caron (2012), Fünfgelt (2004), Skowronski (2008), Rampazzo (2003) e Zanin (2002).

3 DESENVOLVIMENTO

A seguir são apresentados os mapeamentos realizados e respectivas análises, relacionando os espaços livres públicos e privados em Erechim/RS.

3.1 Análise Tipo-Morfológica da Paisagem e do Sistema de Espaços Livres Urbanos: Escala Urbana/Micro Bacia

Para a análise da escala urbana, considerou-se como limite o novo perímetro urbano, o qual foi expandido pelo mais recente Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, de dezembro de 2014 (PDDUASE, 2014). Este documento também foi utilizado como referência para o mapeamento e caracterização do território.

Nesta etapa, produziram-se as seguintes categorias de análise:

3.1.1 Mapeamento dos processos de constituição morfológica: análise de suporte físico; vetores de ocupação; evolução da mancha urbana; e planos, leis e agentes de transformação.

3.1.2 Mapeamento das unidades de paisagem

3.1.1 Mapeamento dos processos de constituição morfológica

- **Suporte físico:** Em uma primeira análise, mapearam-se o tipo de relevo e a hidrografia relacionando-os com a cobertura vegetal. Este mapeamento está representado na figura 1.

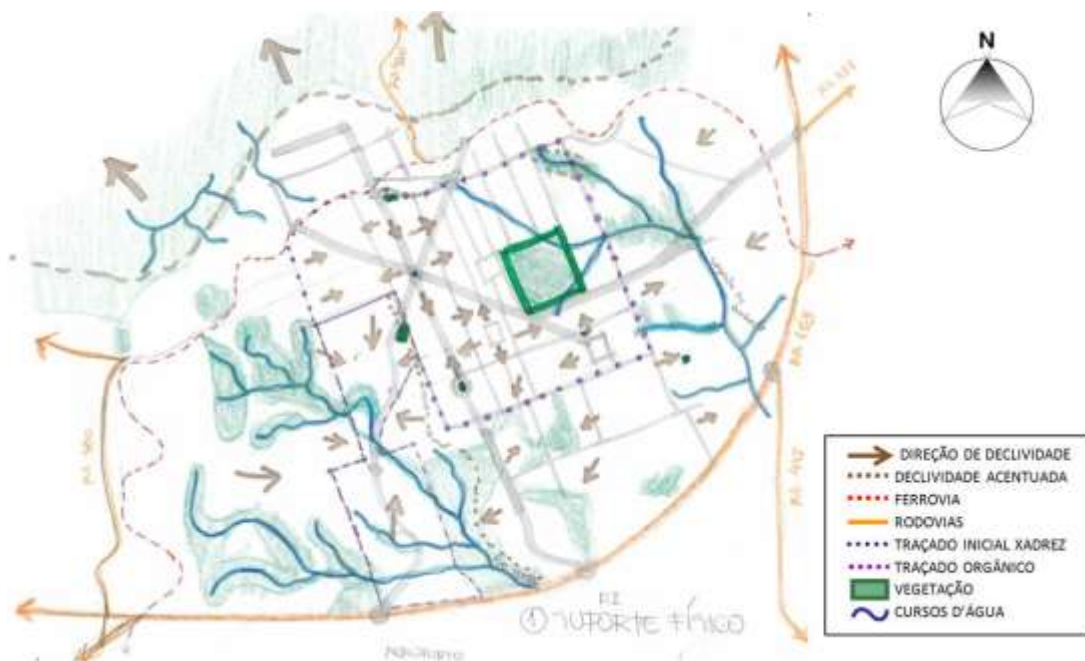


Figura 1: Mapa de suporte físico – relevo, hidrografia x cobertura vegetal.
Elaboração própria.

Neste mapa identificou-se que o suporte físico da área estudada revela uma topografia bastante irregular. Especialmente no entorno da área central que possui traçado histórico ortogonal, esta topografia restringiu a ocupação do território e levou a uma intervenção em tal traçado para poder mantê-lo, configurando-se interrupções em vias com a inserção de escadarias ou acesso restrito, em função da declividade acentuada. Nesta mesma região, especialmente no setor em que se encontra maior presença de cursos d'água, foi implantado um traçado mais orgânico, com o objetivo de adaptar as vias às curvas de nível, o qual está destacado com um polígono na cor vermelha no mapa da Figura 2.



Fig.2: traçado ortogonal entrecortado por diagonais em contraste com traçado mais adequado à topografia (destacado em vermelho).
Google Earth, 2016, editado pelas autoras.

A área central, núcleo inicial da cidade, possui topografia um pouco mais suave e fica localizada em área bastante elevada. No seu entorno, há um grande número de nascentes e corpos d'água, que configuram pequenos vales, formando as bacias hidrográficas que circundam a cidade: Bacia do Rio Dourado, Bacia do Rio Suzana, Bacia Lajeado do Banhado, Bacia Médio e Alto Rio Tigre e Bacia do Lajeado Henrique (Zanin, 2002). Muitos dos rios que denominam essas bacias possuem suas cabeceiras na região central da cidade, onde se encontram negligenciadas, acarretando em poluição precoce de toda bacia. Em alguns cursos d'água, localizados em áreas mais periféricas, observa-se a permanência da vegetação ciliar, o que difere da área central, que apresenta poucos remanescentes de mata nativa e os cursos d'água encontram-se canalizados.

Na região central da cidade destaca-se no tecido consolidado o Parque Municipal Longines Malinoski, que possui uma densa mata nativa, caracterizando-se por um uso restrito, devido à falta de segurança. Atualmente, apenas o seu entorno é utilizado pela população para caminhadas, contudo, é uma referência simbólica a ser considerada. Por ter sido o potreiro da Comissão de Terras durante a implantação da cidade (conhecido popularmente como "Mato da Comissão"), não passou por processo de urbanização e sua vegetação acabou se regenerando, permanecendo protegida até os dias de hoje.

As regiões Norte e Noroeste da cidade, também possuem cobertura vegetal que permaneceu protegida como área de contenção urbana, devido às intensas declividades presentes. Nessa região, encontra-se a vista para a valorizada paisagem do Vale do Rio Dourado, no entanto esta possui carência de espaços livres que permitam acesso e uso público.

- **Vetores de ocupação:** Nesta segunda análise, mapearam-se as atividades econômicas da cidade e os fluxos de circulação. Estes se encontram representados no mapa da Figura 3.

Tal mapeamento dos vetores de ocupação embasou-se no histórico de criação da colônia e efetivação da linha férrea, marco inicial da ocupação urbana. Destaca-se no mapa, o plano urbano inicial, que data de 1908, e seu desenvolvimento a partir da borda da linha férrea (Caron, 2012). Nesse setor da cidade, desde os princípios da ocupação, instalaram-se grupos madeireiros e de outros ramos diversificados, vinculados ao abastecimento da nova colônia.

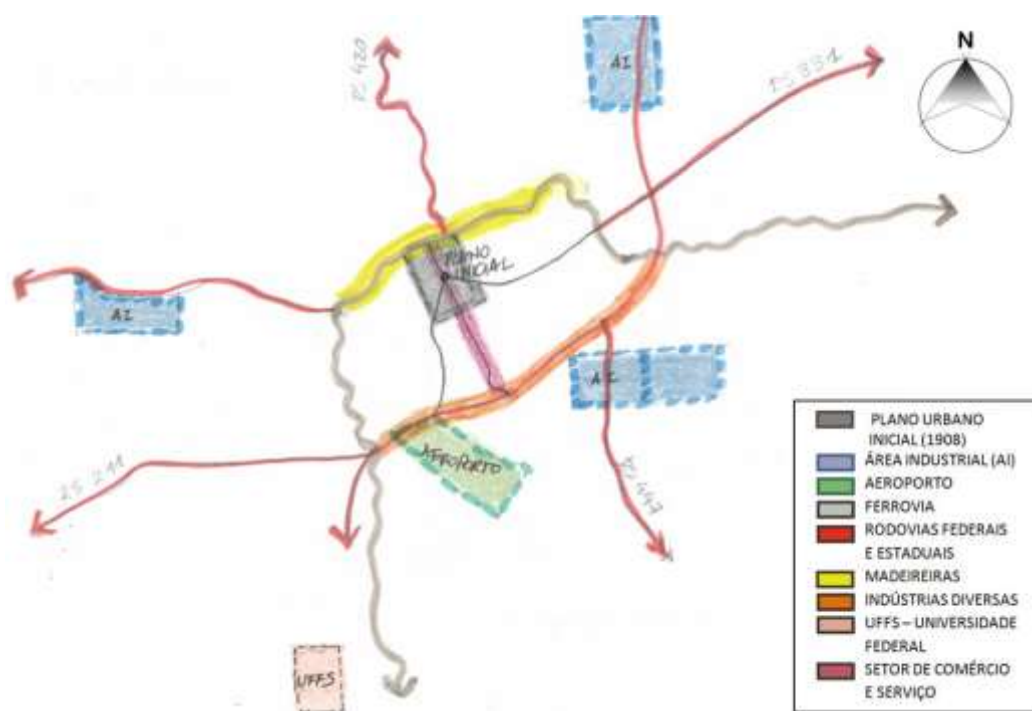


Figura 3: Mapa com os Vetores de ocupação: atividades econômicas e fluxos
Elaboração própria.

A partir do núcleo central, a avenida principal é o grande eixo de comércio e serviços, prolongando-se em direção ao sudeste, chegando à rodovia federal, que conecta Erechim aos outros estados do Brasil. Ao

longo da rodovia federal, devido ao considerável fluxo de veículos e relevância na conexão com o restante do país, desenvolveram-se indústrias diversas. Além dessa rodovia, outras de menor fluxo conectam às pequenas cidades mais próximas. Uma área de caráter industrial foi definida em 1978, a partir de mudanças na legislação, localizada no outro lado da rodovia (Aver, 2008). Distritos industriais foram criados posteriormente com a mesma premissa, de localização próxima às rodovias devido ao fluxo e conectividade. Destaca-se a importância desses polos para o desenvolvimento do tecido urbano, devido à demanda de moradia e serviços em seu entorno.

Outro vetor de ocupação é o aeroporto da cidade, um dos mais antigos do estado, que teve momentos de grande frequência de voos quando foi considerado o segundo aeroporto mais movimentado do estado em 1962 (Aver, 2008:80). Segundo esta autora o aeroporto foi construído em 1941 como um “símbolo representativo do grande desenvolvimento da cidade”. Hoje, apesar da intenção de ampliar a oferta de voos, há uma dificuldade de efetivar a frequência e trajetos de acordo com as demandas locais.

Em 2010, a expansão urbana passou a ser influenciada pela perspectiva de instalação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), ao sul do município, o que gerou um aumento da especulação imobiliária na região. Com o início das atividades no Campus definitivo, em 2015, o qual se localiza ao longo da rodovia (ERS 135) também se ampliou a demanda de transporte e foi necessário redesenhar a via para permitir o acesso de grande número de veículos. Está prevista a duplicação desta e a criação de vias de acesso local.

- Evolução da mancha urbana e os planos, leis e agentes de transformação: marcos do processo de ocupação.

Para o estudo da evolução da mancha urbana, na qual são mapeados os padrões de ocupação e tipos construtivos, considera-se necessário, inicialmente, compreender os fatos históricos sobre a fundação da cidade de Erechim no início do século XX, a qual foi embasada em ideais político-filosóficos positivistas e intenções de saneamento (Aver, 2008). Da ocupação inicial no entorno à estrada de ferro, ainda permanecem algumas das primeiras e mais antigas edificações.

O traçado urbano da cidade de Erechim foi planejado pelo Eng. Carlos Torres Gonçalves, em 1914 (Fünfgelt, 2004) e constituía-se de elementos chave os quais compõem até hoje a paisagem urbana, tais como a malha xadrez com ruas conectadas por quatro avenidas que se cruzam em diagonal e que convergem a uma praça em formato oval (atual Praça da Bandeira). No entorno desta praça se localizam edifícios públicos, como igrejas e os principais monumentos simbólicos (Figura 4). Os quarteirões possuem dimensões regulares são perpassados por uma larga avenida principal de quarenta metros de largura, que conecta a cidade na orientação Noroeste-Sudeste a partir da estação ferroviária, localizada em direção Norte. As ruas transversais e as diagonais têm medidas inferiores, o que ressalta a hierarquia da avenida principal. Esse plano previa avenidas largas, em um traçado ortogonal entrecortado por diagonais, a exemplo dos planos de reestruturação urbana de Paris. O plano de reestruturação francês serviu de modelo a muitas outras cidades do mundo e do Brasil, como é o caso de Belo Horizonte. Essa cidade, possivelmente, também tenha inspirado o desenho urbano proposto para Erechim (Aver, 2008).



Figura 4: Mapa do perímetro urbano central- recorte do núcleo de fundação.
Elaboração própria.

Como descrito no mapeamento do suporte físico, a topografia influenciou a descontinuidade do traçado original previsto para se estender ao longo da evolução da cidade. Com isto, foram realizados novos planos alternativos para contemplar de forma mais adequada as dificuldades impostas pelo relevo (Aver, 2008).

Na década de 1930, o Governo Estadual determinou uma mudança no plano inicial. O novo desenho urbano remetia à imagem da Cidade Jardim, de traçado orgânico e bastante irregular. O arruamento proposto é desenhado a partir das curvas de nível, procurando se adaptar perfeitamente à topografia acidentada da cidade e ao curso dos córregos, criando um sistema natural de drenagem das águas. Fünfgelt (2004) afirma que este novo plano não chegou a ser implantado de todo, mas o seu traçado esteve presente nos mapas do Município até meados da década de 1950, quando houve um retorno à malha xadrez.

Intenções de modernização resultam em proibições, pelo governo municipal, de construções em madeira na área central da cidade. Após a implantação do novo código de posturas, três incêndios atingiram a região central, destruindo muitas casas em madeira da imigração que eram predominantes como tipologia construtiva até 1930. Obras de renovação urbana são realizadas e dentre estas, destacam-se as construções do edifício sede da prefeitura, com inspiração neoclássica, e da nova igreja matriz São José, em estilo neobarroco, substituindo a anterior em madeira. Ocorre a substituição gradual das casas em madeira, principalmente na avenida central, por edificações ecléticas, em dois pavimentos, sendo o térreo destinado ao comércio e o pavimento superior à residência. A partir da década de 1940, tipologias construtivas Art Déco são encontradas, especialmente com a atuação do imigrante austríaco José Pohl, que projetou grande parte destas edificações utilizando o concreto armado e formas curvas, geometrizadas, sobretudo em lotes triangulares e de esquina.

Ainda segundo Fünfgelt (2004), a partir de 1939, com o repasse do Estado ao Município para a administração dos núcleos urbanos, um novo plano é desenvolvido, prevendo a delimitação da área urbana e da área suburbana, parcelada em chácaras e com subdivisão em polígonos, destinada a famílias de baixa renda. Com isso, deu-se a expansão da cidade para além da rodovia federal (BR 153), com a implantação de novos bairros operários e vilas, que se encontram segregados territorialmente do restante da cidade. Estes novos parcelamentos, originários da década de 1950, se localizam fora do plano projetado pelo Estado, possuem lotes menores que os previstos inicialmente e ruas e avenidas com menor largura em seu gabarito.

Fünfgelt (2004) destaca que na mesma década, além da expansão horizontal periférica, inicia-se na área central a expansão vertical. O primeiro edifício em altura é construído no centro da cidade em 1957, com

doze pavimentos, alterando a paisagem existente até então. Nesse período, influências da arquitetura modernista são percebidas em prédios e residências.

Na região oeste da cidade, em direção a uma das rodovias de ligação com Santa Catarina (BR 480), há um incremento de ocupação, expandindo a cidade em direção Noroeste. Isto intensifica a vitalidade de alguns bairros como o denominado de Três Vendas, principalmente devido à implantação de grandes frigoríferos na região, adquirindo um caráter industrial.

Na década de 1970, após a emancipação de 14 distritos e a consequente perda de área agrícola, gerando decadência do setor primário, as atividades econômicas centraram-se na indústria e no comércio. A partir de 1975, com a construção da ponte sobre o rio Uruguai e o asfaltamento da BR 153, a cidade voltou a prosperar economicamente (Fünfgelt, 2004:43).

Em 1977 aprovou-se a ampliação do perímetro urbano, incluindo-se neste perímetro a área classificada anteriormente como suburbana. Devido a um número expressivo de indústrias no meio urbano, surgiu a necessidade de criar uma zona específica afastada da área residencial para abrigá-las, sendo esta instalada em 1979, junto ao polígono sul da cidade.

Com o novo plano diretor, de 1981, se instituiu o zoneamento urbano e se definiu o parcelamento da cidade em setores e atividades. Neste plano foi considerada a lógica da topografia do sítio, incentivando-se a expansão na zona Sul e Sudoeste, por serem mais planas que as demais regiões da cidade. Incentivou-se também o adensamento construtivo e verticalização na área central, o que culminou na destruição de grande parte do patrimônio edificado existente na área consolidada histórica.

Na década de 1990, um novo plano diretor foi aprovado, proporcionando ainda mais a verticalização da área central. Sua implantação em conjunto com uma política de maior abertura a financiamentos, impulsionou o chamado 'boom construtivo', que alterou significativamente a paisagem urbana. Com este plano também foram instalados novos loteamentos de interesse social na periferia da cidade. Segundo Fünfgelt (2004), tal processo de urbanização da cidade resultou em uma malha bastante fragmentada, com muitos vazios urbanos.

De modo geral, em termos de tipos construtivos, principalmente no centro histórico, encontra-se uma mescla de tipologias e estilos, de vários períodos, que foram sobrepondo-se ao longo dos anos, contando, dessa maneira, a história da cidade, conforme registrado no mapa da Figura 5.

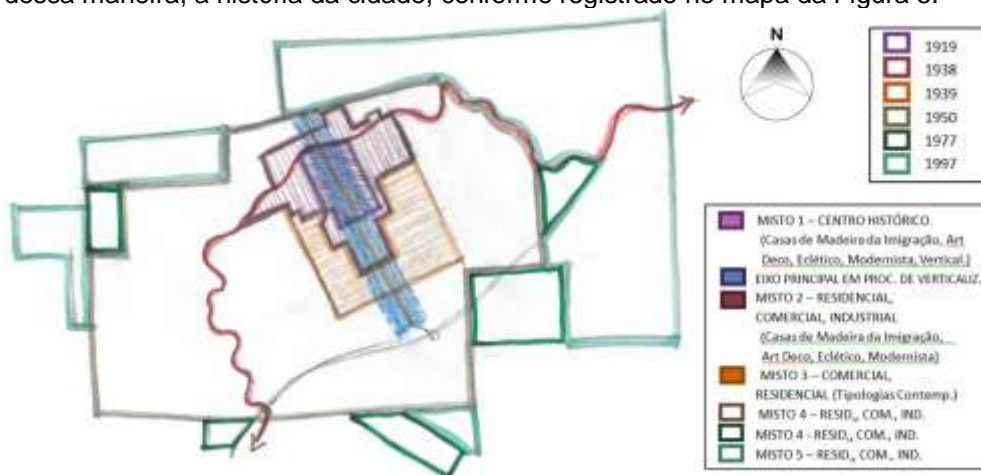


Figura 5: Mapa de evolução da mancha urbana: padrões de ocupação e tipos construtivos.
Elaboração própria.

A análise dos sucessivos planos que orientaram o processo de ocupação da cidade permite identificar momentos de expansão do tecido urbano e os regramentos de cada período, de acordo com os estudos desenvolvidos em maior profundidade em Aver (2008) e Fünfgelt (2004).

O mapeamento realizado na Figura 6 destaca o perímetro urbano consolidado, o qual foi identificado por intermédio de imagens de satélite (Google, 2015), considerando-se as áreas efetivamente ocupadas e o novo perímetro urbano proposto no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de dezembro de 2014

(PDDUASE, 2014). Sobrepondo-se estes perímetros, é possível perceber que a área de expansão permitirá ampliar consideravelmente a área urbana da cidade. Contudo, é importante considerar que existem áreas de proteção ambiental ao Norte da área consolidada, as quais retêm o avanço homogêneo do tecido urbano.

Destaca-se a presença da ferrovia, rodovia, áreas industriais e o aeroporto. No referido Plano Diretor, as vias de fluxo principal do tecido urbano são consideradas corredores de comércio e serviços.

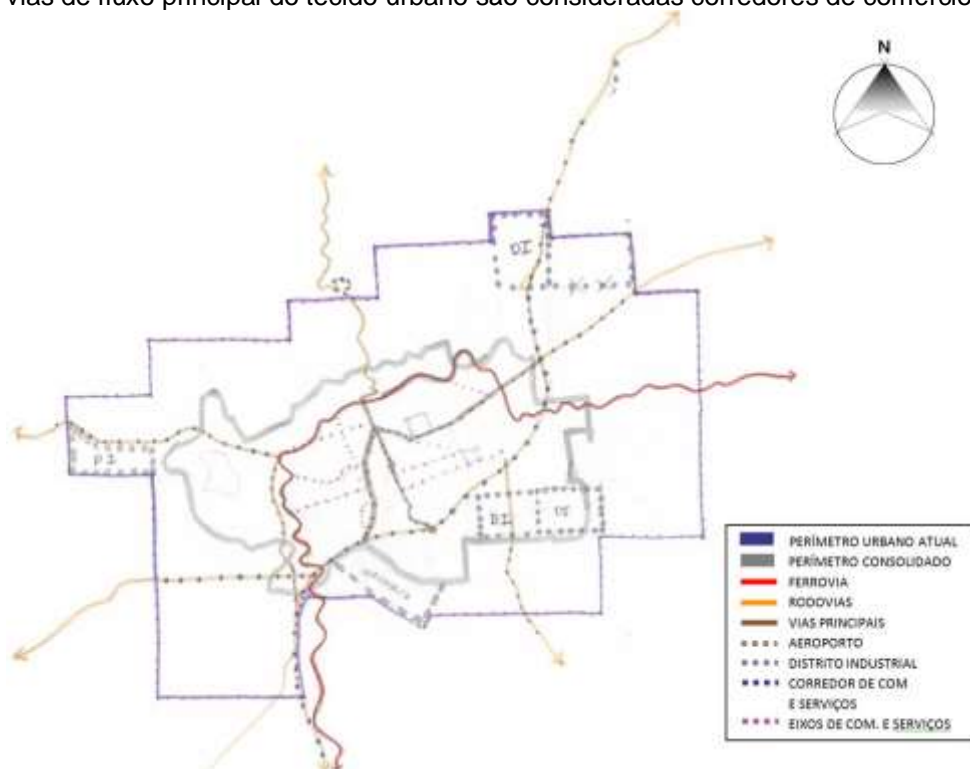


Figura 6: Planos, leis e agentes de transformação: marcos do processo de ocupação.
Elaboração própria.

3.1.2 Mapeamento das unidades de paisagem

Para se identificar as unidades de paisagem, consideraram-se os mapeamentos realizados anteriormente, contendo a caracterização de elementos marcantes da paisagem, a partir de uma diversidade de critérios de análise, tais como delimitações naturais, artificiais, históricas e simbólicas, padrões de ocupação e características morfológicas, ambientais e funcionais (Tângari, 2015). Uma vez que o enfoque deste estudo está centrado na área urbana do município de Erechim, a integração das visões ‘ecológica’ e ‘geográfica’, problematizadas por Metzger (2001:7), auxiliam na compreensão da ecologia de paisagens que reconhece a heterogeneidade, lidando com “mosaicos antropizados, na escala na qual o homem está modificando o seu ambiente”. Assim, Metzger (2001:7) ressalta a necessidade de considerar “as interações espaciais entre unidades culturais e naturais”, tendo-se um olhar mais crítico quanto à presença de elementos geobiofísicos e sua relação com o desenho de implantação da cidade. Esta noção permite compreender a necessidade de considerar sobreposições e inter-relações no processo de definição de unidades de paisagem, uma vez que estas se influenciam mutuamente.

A partir de então, foram identificadas inicialmente duas grandes unidades de paisagem, as quais, por suas características, irão definir a ocupação urbana: a *Unidade Consolidada* e a *Unidade de Expansão*. Na *Unidade Consolidada* identificaram-se três subunidades: *Centro Histórico*, *Eixo Principal em Processo de Verticalização* e *Perímetro Consolidado*.

Paralelamente, percebeu-se ainda a existência de mais duas unidades, uma que se sobrepõe às demais (áreas de potencial paisagístico/áreas de preservação, conservação ou de vegetação), a qual se denominou de *Unidade de Sobreposição*, e outra específica de atividade industrial, que se repete em alguns pontos no território, denominada de *Unidade Industrial*. O esquema gráfico da Figura 7 destaca cada uma destas unidades e subunidades identificadas no território de Erechim.



Figura 7: Mapeamento das unidades de paisagem.
Elaboração própria.

Na sequência realiza-se uma descrição de cada unidade e subunidade identificada:

UNIDADE CONSOLIDADA (UC)

Esta unidade se caracteriza pela ocupação heterogênea do tecido urbano consolidado. Atualmente possui limites claros que se modificarão com a expansão do perímetro urbano. Identificaram-se as seguintes subunidades e suas características:

CENTRO HISTÓRICO

Área de ocupação inicial da cidade apresenta o traçado e desenho original das vias e exemplares arquitetônicos pertencentes a todos os períodos nos quais se deu a evolução deste traçado;

EIXO PRINCIPAL EM PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO

Caracteriza-se por possuir um eixo de comércio e serviços, configurado como via principal que conecta a rodovia ao centro da cidade. É morfologicamente marcado pela verticalização mais recente.

UNIDADE DE EXPANSÃO (UE)

Nessa unidade identifica-se a presença de grandes espaços livres vegetados por se tratar de uma ampliação recente do perímetro urbano. A área contempla a previsão de novos loteamentos e expansão da malha urbana.

UNIDADE DE SOBREPOSIÇÃO (US)

Áreas de interesse ambiental e paisagístico, caracterizadas pela presença de vegetação, cursos d'água, topografia acidentada e visuais panorâmicas. Presença de grandes áreas de proteção ambiental ou permanente. Podem caracterizar barreiras no tecido urbano.

UNIDADE INDUSTRIAL (UI)

Situadas nas bordas da cidade, caracterizam-se por grandes lotes industriais, com presença de galpões e depósitos, os quais possuem pouca relação com os espaços públicos. Nestas unidades destacam-se a circulação de veículos pesados e a proximidade das rodovias.

A identificação de unidades de paisagem possibilitou unificar as análises realizadas nos mapeamentos, ressaltando características predominantes ou consideradas relevantes para o desenvolvimento urbano, e as relações que possuem com os espaços livres. Neste contexto, a *Unidade de Sobreposição*, caracterizada por áreas de interesse ambiental e paisagístico, pode auxiliar no regramento de posturas, relacionadas à manutenção e ao acesso às áreas livres com elementos naturais, como rios, matas e visuais de interesse paisagístico; As *Unidades Industriais* localizadas tanto no *Perímetro Consolidado* como no de *Expansão Urbana* possuem um potencial atrativo para o desenvolvimento urbano, devido à implantação de loteamentos populares, no entanto estão próximas a áreas de interesse ambiental, que demandam cuidados especiais. Sendo assim, tais unidades não podem ser consideradas isoladas, pois por um lado dependem da existência de um tecido urbano em seu entorno e, por outro, apresentam potencial poluição ambiental.

Para a análise dos sistemas de espaços livres na escala local, foi selecionada a subunidade *Centro Histórico*, devido ao interesse em suas características histórico-culturais e, particularmente, de seus espaços livres, que possuem maior apropriação e diversidade de padrões de ocupação no tecido urbano.

3.2 Análise Tipo-Morfológica da Paisagem e do Sistema de Espaços Livres Urbanos: Escala Local/Bairro

A subunidade *Centro Histórico* é caracterizada pela ocupação inicial do processo de colonização e foi descrita anteriormente com base em Fünfgelt (2004). Para esta escala, foram produzidos quatro mapas que esquematizam as seguintes categorias e subcategorias de análise:

3.2.1 Adequação ambiental

3.2.2 Hierarquia, conectividade, complementariedade dos sistemas de espaços livres públicos e privados

3.2.3 Formas e tempos de apropriação

3.2.1 Adequação ambiental

Para o estudo das condições biofísicas foram observadas a topografia da subunidade *Centro Histórico*, as principais linhas de drenagem, a direção do fluxo pluvial no tecido urbano e a direção dos ventos predominantes. Outros fatores também foram considerados relevantes tais como o clima, solo e insolação.

Erechim encontra-se, em média, a 720 metros acima do nível do mar, com altitudes variando de 615 a 825 metros (Zanin, 2002) e na subunidade selecionada existe uma variação de altitude de aproximadamente 45 metros. Segundo Rampazzo (2003), existem duas classificações para o relevo do município: ao Sul, suave ondulado; e ao Norte, forte ondulado a montanhoso. Com a identificação dos pontos em que há maior declividade, e que assim compromete a expansão do tecido urbano, especialmente o traçado ortogonal, observa-se na Figura 8 que este foi implantado com sua localização a partir do ponto central da área com menor declividade. Contudo, a partir de duas quadras da praça central, tanto para leste como para oeste, a topografia torna-se bastante íngreme, a ponto de uma das ruas a oeste ser interrompida, pois somente é possível a transposição da topografia por meio de escadas, conforme descrito anteriormente.

O clima de Erechim é tipicamente subtropical e apresenta pluviosidade distribuída ao longo do ano, caracterizando-se por umidade alta, verões quentes e invernos frescos (Chechi; Saches, 2012). Mesmo ocorrendo em épocas específicas eventos com grande volume de chuvas, o centro histórico não está sujeito à inundações, por ser a área mais elevada do entorno. Dessa forma, nessa região existem linhas naturais de drenagem, compostas por nascentes e vales que dão origem a algumas das bacias hidrográficas do município, como pode ser observado na Figura 8.

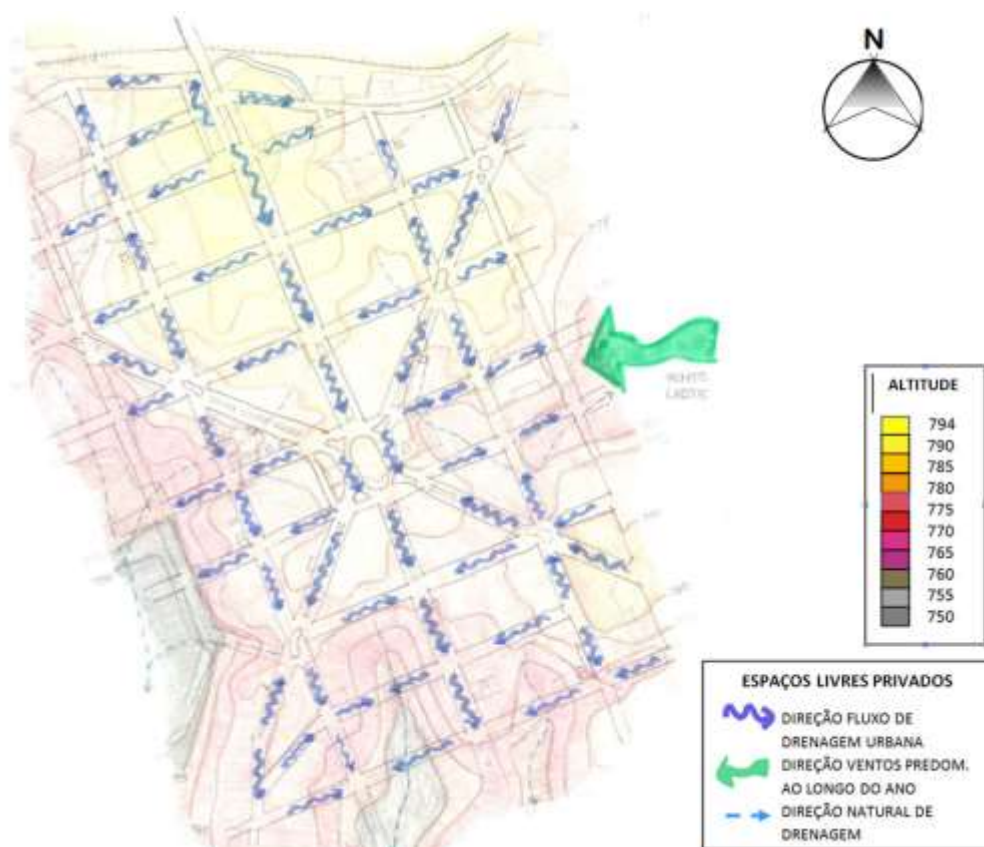


Figura 8 : Mapeamento das condições biofísicas
Elaboração própria.

O tipo de solo predominante em Erechim é classificado como Latossol Roxo Distrófico álico, originado do basalto, apresentando boa drenagem natural, coloração vermelha escura e textura argilosa. A região integra a chamada Encosta Basáltica Rio Grandense, composta por solos de pouca profundidade, com afloramento de rochas e pedras na superfície, mas com boa fertilidade natural, em paisagens com grandes declividades. Segundo Rampazzo (2003), geralmente o solo apresenta maior profundidade em áreas planas ao longo dos rios, porém considera-se inadequada a urbanização desses locais devido à possibilidade de sofrer inundações.

A carta solar para a Latitude onde se encontra Erechim apresenta uma variação no ângulo de insolação de aproximadamente 86°N no verão e 39°N no inverno. Considera-se que em relação à insolação, no princípio da ocupação, o traçado original para a área central do município se apresentava excessivamente generoso, com as ruas muito largas para a quase inexistência de veículos. Por outro lado, observou-se, por meio de fotografias antigas, a falta de vegetação, a qual devia ser sentida pelos pedestres no verão. Contudo, observa-se que a orientação do traçado em relação à trajetória solar oportuniza que quase sempre um lado da rua esteja sombreado, tanto no verão, quanto no inverno, possibilitando ao pedestre escolher por onde quer transitar conforme a sensação térmica.

Com relação à vegetação e sua interferência no microclima, observou-se, a partir também de fotografias históricas das décadas de 1920 e 1930, a presença na primeira, de vegetação arbórea nos passeios da avenida principal e na segunda, a presença de vegetação nos canteiros centrais (Aver, 2008; Funfgelt, 2004). Contudo, considera-se que a vegetação arbórea presente hoje nos canteiros centrais, composta por caducifólias e semicaducifólias (ipê roxo e jacarandá mimoso), por apresentarem floração e variações na folhagem ao longo do ano, geram maior sensação de conforto térmico e percepção estética do que a espécie perene inserida inicialmente (ligustro).

De acordo com dados do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), os ventos predominantes no município originam-se da direção leste. Destacam-se também os ventos de inverno provenientes do sul e do sudoeste, os quais embora não sejam frequentes, tornam-se desagradáveis durante os dias mais rigorosos de inverno, por alterarem a sensação térmica. A avenida principal encontra-se mais protegida dos ventos ao longo do ano, enquanto que as vias transversais a ela estão mais expostas. As praças localizadas na área

de recorte, por estarem em espaços abertos, cercadas por vias e com altitude elevada, sempre recebem incidência de ventos.

3.2.2 Hierarquia, conectividade, complementariedade dos sistemas de espaços livres públicos e privados.

Esta análise se refere ao nível hierárquico na malha ou no conjunto de edificações, à classificação por tipo, função, programa e à relação funcional com o entorno construído.

A fim de estabelecer uma hierarquia para os espaços livres públicos e privados considerou-se necessário categorizá-los, pois se observaram diferentes relações hierárquicas possíveis, referentes à frequência de uso, importância simbólica, atividades contempladas, localização, entre outros. Para a análise, os espaços livres foram distinguidos em três categorias: vias, espaços livres privados e espaços verdes públicos.

O mapa da Figura 9 ilustra o nível hierárquico dos espaços livres na escala local. As vias foram divididas em principais, aquelas com maiores dimensões, e secundárias, de menores dimensões. De acordo com a intensidade de uso, numerou-se um ou dois para caracterizar menor ou maior fluxo. Os espaços livres privados foram subcategorizados em semipúblico e por escala hierárquica de nível um a três, de acordo com a frequência de utilização. Os espaços verdes públicos foram subcategorizados por relevância simbólica em função de sua localização, e por escala hierárquica de nível um a três relativos à frequência de uso.

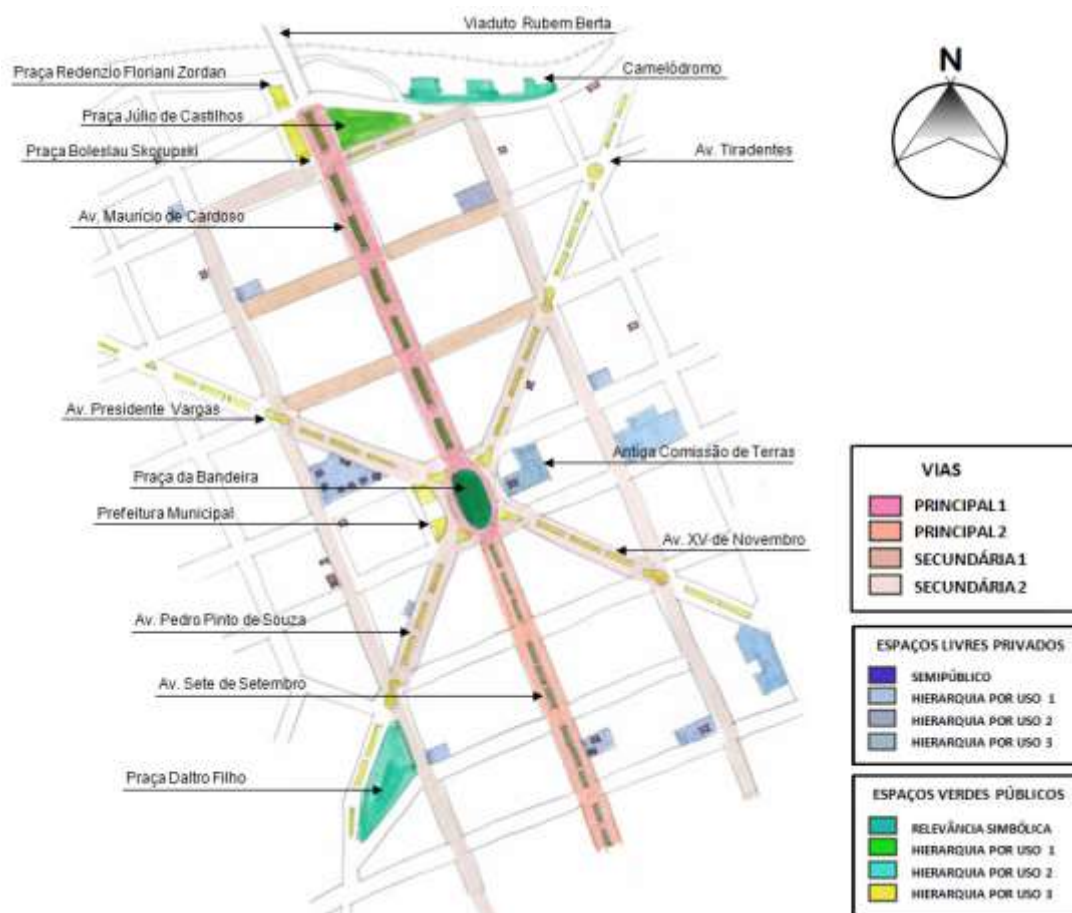


Figura 9: Mapeamento do nível hierárquico na malha ou no conjunto de edificações. Elaboração própria.

Na área analisada, a interconectividade dos espaços livres ocorre, principalmente, ao longo da avenida de maior hierarquia, que transpassa praças, vias e outros espaços livres de uso público. O ponto de maior complementariedade acontece na praça central da cidade, onde se encontram grande parte das vias e outros espaços livres. Contudo, devido ao fluxo de veículos, tal ponto não se configura como o de maior utilização.

por pedestres. A maior vitalidade de uso na interconexão de espaços livres acontece nas praças que se encontram a Noroeste na Figura 9, lindeiras à avenida principal.

Nos espaços verdes públicos se localizam as praças e os canteiros centrais da avenida principal, que são utilizados diariamente pela população e com maior intensidade nos finais de semana. Os espaços livres privados formam uma categoria à parte, mas que contempla também espaços públicos segregados (semipúblicos). Para se estabelecer a relação hierárquica desses espaços considerou-se a intensidade de uso, sendo os mais utilizados aqueles de caráter semiprivado, como o pátio de escolas particulares.

Dentre os exemplares arquitetônicos de relevância histórica presentes na subunidade analisada, apenas o “Castelinho”, antiga sede da Comissão de Terras do Estado (Fig.10), reconhecidamente a edificação em madeira mais importante da cidade, tombada pelo patrimônio estadual, é uma edificação pública. Hoje tem seu uso relacionado à Secretaria de Cultura. Sua relação com os espaços livres é muito direta, inclusive pelo uso que lhe é dado em momentos de festas na cidade, como a Páscoa e o Natal, conforme é ilustrado à direita da mesma figura. Encontra-se em frente à Praça da Bandeira, principal espaço público da cidade, em posição simétrica à Prefeitura Municipal.



Figura 10: À esquerda, antiga sede da comissão de Terras do Estado, imagem da década de 1930; À direita, uso do espaço livre em frente ao “Castelinho”, como “Casa do Papai Noel”, no Natal de 2006.

Fotos do Arquivo Histórico Municipal e de Daubi (Panoramio, 2016).

A área central consolidada é estruturada a partir de uma avenida histórica de grande largura que conecta a cidade de Noroeste a Sudeste. Quanto aos sistemas de espaços livres públicos e privados existentes na unidade de paisagem, verifica-se que a maior parte é formada pela estrutura viária, especialmente da avenida principal, em conjunto com avenidas diagonais e as vias secundárias de traçado ortogonal.

Hierarquicamente, a Av. Maurício de Cardoso e a Av. Sete de Setembro, que conformam a avenida principal, são as mais importantes, o que é percebido em função da grande largura (40 metros) e do canteiro central vegetado, utilizado como área de estar, que delimita o sentido viário e confere ao sistema a monumentalidade como eixo principal.

Quanto às praças públicas, a Praça da Bandeira, de caráter cívico e que se situa no encontro de dez vias, conforma o núcleo fundador da cidade, que agrupava os três poderes. Conforme referido anteriormente nela encontram-se, ainda hoje, os prédios simbólicos de caráter oficial da cidade.

Duas praças se conformam com função de lazer, uma à Noroeste, próxima à estação férrea, denominada Praça Júlio de Castilhos e outra na direção Sudoeste, a Praça Daltro Filho. Por se situar no núcleo histórico e junto à avenida central, a Praça Júlio de Castilhos, além de ofertar lazer, possibilita outras atividades como feiras e apoio para bares noturnos. A Praça Daltro filho, por se situar em região predominante residencial, é mais utilizada nos finais de semana, principalmente por famílias. Outras duas pequenas praças de contemplação, denominadas Boleslau Skorupski e Redenzio Floriani Zordan localizam-se em frente à Praça Júlio de Castilhos, no lado oposto da avenida central. A Praça Redenzio Floriani Zordan encontra-se desvinculada do entorno, por sua proximidade a um viaduto e a ruas de grande circulação de veículos, além de sua topografia acidentada.

Entre as áreas vegetadas públicas destacam-se também os canteiros centrais das avenidas, que complementam o sistema viário. Em termos de hierarquia os canteiros da avenida central Noroeste-Sudeste, apesar da proximidade com vias de maior fluxo, em função de sua maior dimensão e arborização, são mais utilizados pela população que os canteiros das avenidas diagonais.

Nas áreas livres privadas e semi-privadas, os pátios escolares e os ajardinamentos e pátios das casas em madeira, de modo geral vegetados, arborizados e permeáveis, destacam-se por terem um papel ambiental significativo na cidade, principalmente na área central consolidada que apresenta maior adensamento, ainda que estes espaços livres estejam segregados em relação ao entorno por grades ou muros.

Na análise da relação funcional e formal dos espaços livres com o entorno construído, verifica-se que há um número elevado de áreas livres segregadas, sejam por muros, grades, estacionamentos, ou pela circulação das vias limítrofes de fluxo intenso. Esta segregação não é sentida apenas nas áreas livres privadas, mas também em áreas livres públicas, tais como: as que servem ao comércio, como as destinadas à feira do produtor agrícola e ao camelódromo; a de caráter cívico, como a Praça da Bandeira; e a de caráter contemplativo, que se encontra segregada pelo entorno do viaduto que se eleva da linha férrea na avenida central (Praça Redenzio Floriani Zordan).

Entre as áreas livres que estão integradas em parte com o entorno construído citam-se as praças Júlio de Castilhos e Daltro Filho. Ainda assim, há ressalvas importantes a considerar: na primeira, as vias que a circundam, com fluxo grande de veículos, causam segregação da praça em relação ao entorno; e na segunda, além do trânsito em seu entorno, há uma barreira em termos de acessibilidade, em função de toda a praça se elevar do nível do solo.

Os canteiros da avenida central e das avenidas em diagonal foram considerados integrados com o entorno construído em função de serem utilizados pelos pedestres como locais de passagem, por propiciarem grande circulação entre os dois lados da avenida, além de, no caso das Avenidas Maurício de Cardoso e Sete de Setembro, serem utilizados como local de permanência e de estar.

Os marcos atrativos que atuam como agentes polarizadores de uso dos espaços livres públicos são, em grande parte, o setor comercial e de serviços, incluindo mercados, sorveterias, padarias, igreja, escolas, bares, entre outros.

3.2.3 Formas e tempos de apropriação

A análise das formas e tempos de apropriação foi desenvolvida com foco nos projetos de espaços livres da região central, considerando-se para quem estes espaços foram projetados, quem de fato os utiliza, a finalidade da apropriação sobre o espaço e com qual frequência. Também se relata como os usuários se deslocam até os espaços livres e o que existe como suporte ou atrativos próximos (Fig.11). A análise foi desenvolvida a partir da observação *in loco* e percepção das próprias autoras como moradoras da cidade, não sendo realizado, contudo, estudos estatísticos sobre os dados observados.

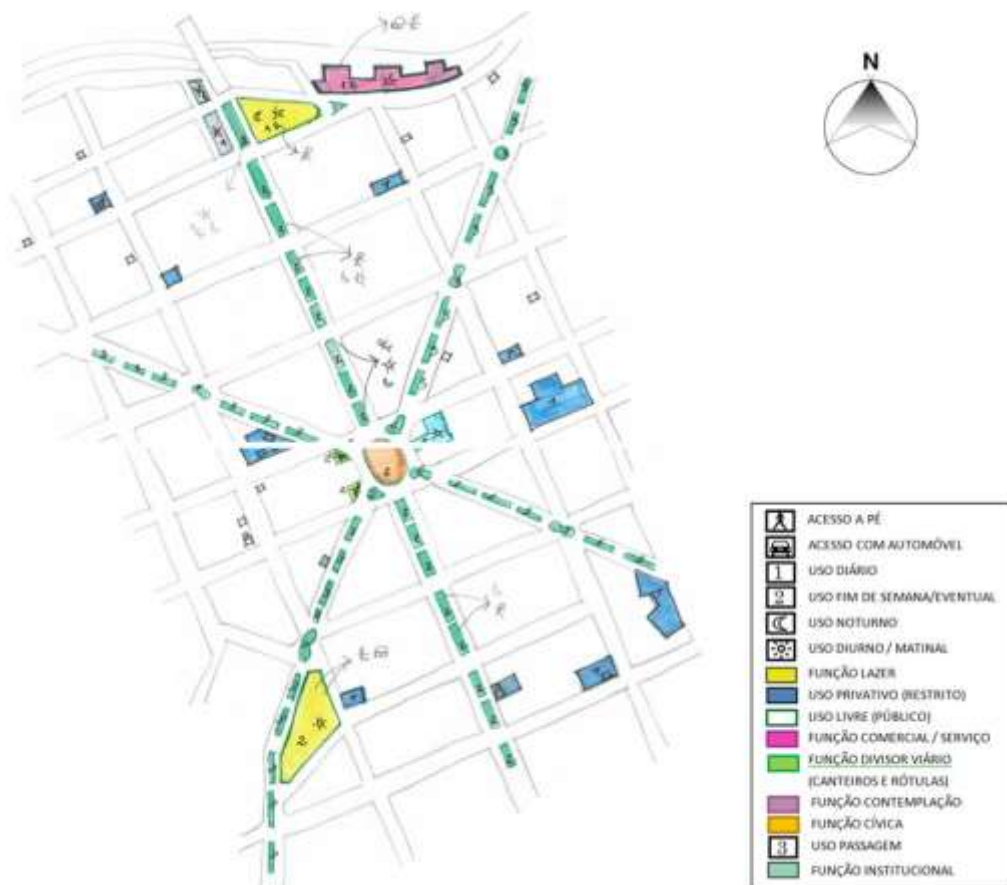


Figura 11 :- Mapeamento das formas e tempos de apropriação
Elaboração própria.

A Praça da Bandeira, apesar de ser usufruída pela população em geral, possui maior frequência de passantes, geralmente não constituindo um caráter de permanência, excetuando-se as festas públicas mais importantes, de caráter eventual, em datas especiais, quando é alvo de apresentações artísticas que ocorrem tanto à noite como durante o dia. Geralmente, os usuários chegam à praça a pé, excetuando-se as datas festivas, quando a população que habita os bairros mais distantes se desloca com veículos para chegar à praça. Os principais marcos atrativos de suporte são edificações que abrigam a prefeitura, a catedral, faculdades, escolas, mercados e o comércio.

Os canteiros das Avenidas Maurício Cardoso e Sete de Setembro podem ser considerados espaços livres de uso público com a finalidade de dividirem os dois sentidos da avenida principal que interliga a cidade no sentido Noroeste–Sudeste e promoverem embelezamento com sua arborização. Segundo Skowronski (2008), os canteiros que foram implantados na década de 1940 possuem 14m de largura e piso em mosaicos de duas cores de pedra portuguesa. É possível verificar que a população em geral usufrui com regularidade os espaços dos canteiros, levando cadeiras dobráveis para permanecer nestas áreas especialmente nos finais de semana. Geralmente os usuários são moradores próximos ao trecho do canteiro, e deslocam-se a pé. Conforme o local da avenida, há variação nos marcos atrativos de suporte e na faixa etária da população usuária, ainda que o destaque seja o setor de comércio e serviços, como mercados, sorveterias, escolas, padarias e casas noturnas.

Já os canteiros que separam os dois sentidos das avenidas diagonais que conectam o sistema viário até a Praça da Bandeira, quais sejam Av. Tiradentes, Av. Pedro Pinto de Souza, Av. Presidente Vargas e Av. Quinze de Novembro, não possuem o mesmo caráter de permanência, devido às dimensões menores dos canteiros em relação aos que compõem a avenida principal, e por nem todos possuírem arborização. Portanto seu uso é predominantemente de passagem, com a intenção de levar ao cruzamento das ruas, principalmente são utilizados no período diurno.

A Praça Daltro Filho foi projetada para configurar um espaço de lazer, portanto seu uso é de permanência, principalmente em fins de semana e de caráter frequente, diurno. Serve, em geral, à população residente

nas redondezas e a de outros bairros, que se deslocam até ela a pé ou de automóvel. Taxistas e freteiros possuem um ponto na localidade, e próximo há uma padaria, uma fruteira, entre outros estabelecimentos comerciais. No seu interior existem vários equipamentos, como *playground*, pista de *skate*, quadra de esportes, entre outros, que servem de marcos atrativos para um público bastante diversificado. A praça é elevada do nível do solo, e, apesar de ser acessível por escadas e ter apenas um acesso em rampa, a topografia proporciona maior segurança aos usuários com relação à presença das vias limítrofes.

A Praça Júlio de Castilhos, igualmente é um espaço de lazer, porém, além de possuir desníveis internos, está limitada por vias de grande fluxo de veículos o que a torna mais insegura aos usuários. Ela possui um caráter de uso frequente, em dias de semana no turno diurno e em finais de semana e à noite por jovens, por haver casas noturnas e bares nas redondezas. Localiza-se próxima à antiga estação férrea que está desativada, mas funciona como terminal de ônibus urbano, o que traz um fluxo de passagem grande para a praça. No entorno, destaca-se o comércio, como uma padaria, e principalmente as feiras: feira popular (camelódromo) e feira do produtor (agricultura). No interior da praça, há um quiosque de venda de produtos artesanais e um *playground*, pouco utilizado.

Quanto aos espaços livres privados, citam-se, principalmente: pátios, quintais, ajardinamentos, terrenos baldios e espaços escolares. Todos possuem uso restrito, porém regular, excetuando-se os terrenos baldios, as ruínas e as casas abandonadas. Consta-se que as edificações históricas possuem uma grande contribuição, em se tratando de espaços como quintais, pátios e ajardinamentos, pois geralmente ocupam uma área menor sobre os terrenos em que se inserem no terreno.

Na escala da subunidade de paisagem enfocada, entende-se que para além das praças, que foram planejadas como espaços de lazer, os canteiros da avenida central – Mauricio de Cardoso e Sete de Setembro - se configuram como espaços livres muito apreciados pela população, e que são característicos da cultura dos moradores de Erechim. Os pátios e quintais ajardinados e vegetados também são bastante relevantes como espaços livres vegetados no bairro e, mesmo que tenham o uso restrito, considera-se que promovem a melhoria da qualidade de vida de toda a população, pois além de melhorarem a estética da paisagem urbana, possuem um papel ambiental relevante, contribuindo para a absorção da água da chuva, reduzindo o risco de inundações, filtrando o ar e favorecendo o encontro e o lazer.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação urbana de Erechim, com base filosófica positivista, a partir da implantação do plano urbano do Eng. Carlos Torres Gonçalves, de 1914, (Cassol, 1977) desenhado de acordo com padrões externos ao contexto regional, determinou a paisagem urbana a qual, até hoje, é vivenciada na cidade.

Apesar de sua localização poder ser considerada distante dos grandes centros urbanos, a análise histórica da cidade permite constatar que desde o início a ocupação urbana esteve vinculada a processos econômicos nacionais e internacionais (ferrovia e hidrovia como meios de transporte de matérias primas no passado, e hoje rodovia para transporte também de bens industrializados).

A busca pela constante “modernização” e progresso é sentida desde a década de 1930, quando se desestimulou a construção das casas em madeira tradicionais dos povos imigrantes na região central, e incentivou-se a construção em alvenaria, eclética, segundo os preceitos estéticos internacionais. Até hoje, na busca desenfreada pela modernidade, construções simbólicas são descaracterizadas ou demolidas para dar lugar a uma falsa imagem moderna, descontextualizada, de qualidade técnica muitas vezes duvidosa, apagando a memória da cidade, pela qual se deveria zelar.

A partir do desenho inicial, e após as reformulações posteriores, os espaços livres públicos tiveram papel importante, principalmente pelas avenidas largas que cortam a cidade com canteiros centrais significativos e as praças na confluência viária, como a Praça da Bandeira. O automóvel, símbolo de modernidade, era elemento norteador do plano.

Em meados do século XX, o traçado viário do núcleo urbano se expandiu além do relevo plano, ocupando áreas de alta declividade, o que produziu a evolução da mancha urbana de forma radiocêntrica convergindo à área central. A partir da década de 1980, e até os dias atuais, verifica-se, junto à avenida central e às vias paralelas, um aumento significativo das edificações em altura.

Com uma dinâmica difícil de controlar e prever no desenho atual das cidades contemporâneas (Tângari, 2005), verificou-se que em Erechim há uma mescla de diferentes períodos históricos em uma lógica própria, configurados espontaneamente, principalmente na área central, escolhida como unidade de paisagem para esta análise.

Nesse estudo, os espaços livres públicos e privados serviram como suporte para a análise da transformação da paisagem. Considera-se que os mesmos refletem as consequências da aplicação de modelos de ocupação urbana sem a devida avaliação das características sociais, culturais e geobiofísicas dos territórios em que se inserem.

Ao analisar a área urbana da cidade, identifica-se uma forte segregação da área central, mais nobre e valorizada. Porém, assim como em Ferreira (2005), observa-se, no recorte de estudo, a apropriação dos espaços livres públicos, bem como os espaços privatizados, por camadas sociais heterogêneas. Um exemplo claro é a utilização dos canteiros da avenida central nos finais de semana, quando a cidade se transforma em um desfile espontâneo, com espectadores confortavelmente sentados em bancos e cadeiras de praia nos canteiros centrais e assistindo ao vai e vem dos automóveis e dos pedestres que transitam nas calçadas.

Ao observar os espaços livres públicos e privados na escala local, constata-se que a apropriação pela população ocorre, em sua maior parte, naqueles espaços mais centrais, que podem ser considerados 'vitrines da vida urbana'. Não são encontrados grandes parques urbanos, mas a avenida principal arborizada acolhe, nos bancos ao longo de seus canteiros centrais e no próprio percurso da via, a diversidade cultural da cidade.

Ferreira (2005) apresenta argumentos relacionados ao senso comum, ao falar da segregação dos espaços privatizados, contudo sobrepõe esse argumento ao relato de apropriação de espaços elitizados por sujeitos das camadas populares, reproduzindo seus padrões de comportamento e interações sociais. Mesmo que o exemplo citado aconteça em uma metrópole como o Rio de Janeiro, provoca a reflexão sobre o que acontece em cidades pequenas, nas quais a elitização de espaços públicos e privatizados pode ser ainda mais contrastante.

Em Erechim, uma cidade de porte médio, verifica-se que a população usufrui e se apropria do espaço público, ainda que este se encontre, em grande parte, segregado. Considera-se que a melhoria destes espaços vivos, democráticos, deve pautar as ações de planejamento da cidade, em detrimento de interesses privados e de enorme impacto na estrutura urbana, no comércio de rua e na cultura da cidade.

BIBLIOGRAFIA

- AVER, I. K. (2008). *Erechim, processo e projeto - relações estruturais entre traçado viário e desenvolvimento urbano*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- CASSOL, Ernesto. (1977) Formação Histórica do Grande Erechim. *Revista Perspectiva*, Erechim: CESE, n. 6.
- CARON, M. dos Santos; TEDESCO, J.C. (2012). O Estado positivista no norte do RS: a questão da propriedade da terra e a fundação da colônia Erechim (1890/1910). *História Unisinos* [S.l.: s.n.] 16 (2): 220–231.
- CHECHI, L.; SACHES, F.O. (2012) A influência do enos (el niño oscilação sul) nos totais anuais de precipitação em Erechim (RS) no período de 1958-19812012. In: *REVISTA GEONORTE*, Edição Especial 2, V.2, N.5, p.853 – 865.
- FERREIRA, Maria Inês Caetano. (2005) Encontros e desencontros de moradores da favela no espaço social segregado: um estudo sobre as relações sociais cotidianas nos espaços privatizados. In: *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. v.7, nº2, p. 9-26. Disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/142/126> . (Consulta: 13/09/2015).
- FÜNFELT, Karla. (2004) *História da paisagem e evolução urbana da cidade de Erechim – RS*. Mestrado em Geografia – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=430700>. (Consulta: 27/09/2015).
- METZGER, Jean Paul. (2001) O que é ecologia de paisagens? In: *Biota Neotropica* v1. Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v1n12/pt/fullpaper?bn00701122001+pt>. (Consulta: 13/09/2015).

NETO, Antonio Ducati. (1979) *A vida nas colônias italianas*. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Erechim.

PANORAMIO. "Castelinho" no Natal de 2006. Foto de Daubi. Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/4854123>. (Consulta: 23/02/2016).

PDDUASE, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental Sustentável de Erechim (2012) Prefeitura Municipal De Erechim. Disponível em: <http://www.pmerechim.rs.gov.br/uploads/files/Plano%20Diretor%20Atualizado%2007%20Agosto%202012.pdf>. (Consulta: 10/08/2015).

TÂNGARI, Vera R. (2005) A arquitetura dos espaços museológicos do ponto de vista expográfico. Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus - Rio de Janeiro: 2005, 18 p.

_____ (2013) A construção social das paisagens no Brasil: um debate conceitual e metodológico. Encontros Nacionais da Anpur v.15.

_____ (2015) Material de aula - Módulo Paisagem e Sustentabilidade. Disciplina Instrumentação para a Tese, Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

RAMPAZZO, S. E. (2003) *Proposta Conceitual de Zoneamento Ambiental para o município de Erechim (RS)*. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; ALCANTARA, Denise de; BARBOSA, Alexandre L. (2007) Pires de Almeida: Reduto da Alma Encantadora das Ruas do Rio de Janeiro. III Seminário Projetar. UFRGS: Porto Alegre.

SANTOS, Milton. (1997) *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec.

SKOWRONSKI, Aline Beatris. (2008) *Erechim das cinzas ao sonho: Erechim destruída por incêndios e renovada pela modernidade*. Mestrado em Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU.

ZANIN, M. E. (2002) *Caracterização ambiental da paisagem urbana de Erechim e do Parque Longines Malinoski. Erechim, RS*. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). Centro de Ciências Biológicas e Saúde. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.

Fontes Eletrônicas

<http://cidades.ibge.gov.br> (Consulta: 27/09/2015).

<https://maps.google.com.br> (Consulta: 29/02/2016)

<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/142/126>. (Consulta: 13/09/2015).

<http://www.biotaneotropica.org.br/v1n12/pt/fullpaper?bn00701122001+pt>. (Consulta: 13/09/2015).

<http://www.inmet.gov.br> (Consulta: 30/09/2015)

<http://www.panoramio.com> (Consulta: 23/02/2016)

<http://www.pmerechim.rs.gov.br> (Consulta: 10/08/2015).